

VAREJO

Com crescimento inferior a 2%, setor projeta que vai desacelerar e não conseguirá recuperar o ritmo pré-pandemia em 2024

Alta tímida do comércio

» RAPHAEL PATI*

» VITÓRIA TORRES*

Em recuperação gradual desde o auge da pandemia, as perspectivas de vendas para o comércio brasileiro em 2024 estão mais modestas, segundo avaliação da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). De acordo com a entidade, o setor, que antes do período pandêmico, registrava crescimento acima dos 2% anuais, teve ligeira melhora em 2023, mas tende a desacelerar para um avanço de apenas 1,1%.

Os dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que o comércio varejista brasileiro encerrou o ano passado com crescimento de 1,7% no volume de vendas na comparação com 2022. Apesar deste aumento, o setor se ressentiu de não conseguir atingir taxas de crescimento superiores a 2%, como vinha ocorrendo até 2018, quando avançou 2,3%.

Desde 2020 — ano em que se iniciou a crise sanitária de covid-19 — o varejo tem apresentado um crescimento moderado, com taxas anuais que variam de 1% a 1,7%. O economista senior da CNC, Fabio Bentes, aponta que, além da crise pandêmica, influenciam para a lenta recuperação do setor as condições desfavoráveis de consumo, como crédito caro e juros altos, que ficaram mais evidentes após a crise financeira global, também causada pelos efeitos negativos da pandemia na economia.

“Se, em 2020 e 2021 a crise sanitária ditou o ritmo das vendas, a partir de 2022, as baixas condições de consumo da população, com crédito caro e juros altos, justificaram o fraco desempenho do varejo”, explica o economista. A alta taxa de juros das operações de crédito e o elevado endividamento das famílias brasileiras são apontados como fatores que contribuíram para retrações em segmentos dependentes das condições de crédito ao longo do ano passado.

Apesar do aumento das vendas, quase quatro anos após o início da crise, metade dos 10 segmentos avaliados pelo IBGE ainda não se recuperou totalmente desde o início da pandemia. Destacam-se as perdas nos ramos de livrarias e papelarias, e de vestuário, calçados e acessórios, que, na avaliação do economista Fabio Bentes, enfrentam desafios maiores por conta do crédito mais caro.

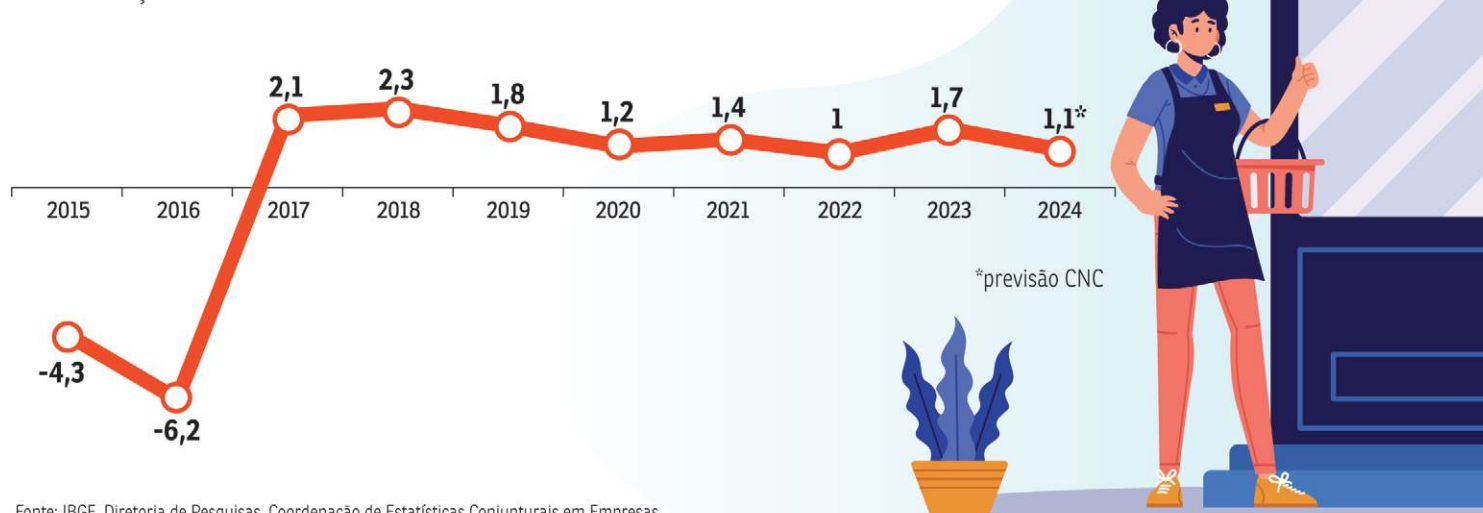
Nos últimos anos, o Banco Central elevou a taxa básica de juros (Selic), que atingiu 13,75%

Em recuperação

Mesmo sem registrar queda nos últimos anos, o comércio varejista tenta se recuperar de um período mais fraco durante a pandemia e deve crescer menos em 2024

VOLUME DE VENDAS DO COMÉRCIO VAREJISTA

Em % em relação ao ano anterior



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Estatísticas Conjunturais em Empresas

Carlos Vieira/ CB/DA Press



Depois de um 2023 ruim, o comerciante Severino Vieira torce pela recuperação das vendas este ano

ao ano, o que influenciou as taxas praticadas no mercado financeiro. “A taxa de juros das operações de crédito com recursos livres foi mais alta em 2023, em comparação com o ano anterior, o que impactou negativamente o consumo nesses segmentos”, avalia o especialista. No entanto, o crescimento das vendas, mesmo que modesto, contribuiu para um aumento no número de estabelecimentos varejistas ativos no país, com destaque para os segmentos de hiper e supermercados, e farmácias, que apresentaram crescimento nas vendas, de 3,9% e 4,7%, respectivamente.

Segundo relatório do Banco Central, a taxa de juros das operações de crédito com recursos

livres atingiu 40,8% ao ano em dezembro de 2023. O juro no rotativo ficou em 440,8% ao ano. Além disso, o endividamento dos brasileiros permaneceu alto, comprometendo em média 30,2% da renda, mesmo sem considerar as obrigações com financiamentos habitacionais.

Apesar das expectativas de desaceleração da inflação ao longo do ano e da tendência de declínio da taxa básica de juros, a economia brasileira e o consumo tendem a crescer menos, segundo especialistas o que apresenta um problema para o setor varejista. Em 2023, foram registrados 2,52 milhões de estabelecimentos varejistas ativos no país, apresentando um

aumento de 8,2% em relação ao ano anterior. Para 2024, a CNC projeta um avanço modesto das vendas, com um crescimento estimado de 1,1% em comparação a 2023.

Percepção otimista

O cenário econômico frustra comerciantes com a dificuldade, cada vez maior, de vendas nos últimos cinco anos. Uma das proprietárias do Nube Café, localizado na Asa Sul, em Brasília, Joana Peixoto, 32, conta que sofre altos e baixos nos últimos anos, especialmente com a pandemia. Mesmo em momentos difíceis, ela procurou manter as vendas, apostando na resiliência

» Parcelamento sem juros

Pesquisa da CNC aponta que cerca de 90% do faturamento médio anual do varejo brasileiro vêm do parcelamento sem juros no cartão de crédito. Isso representa vendas que somam R\$ 2,8 trilhões. O estudo mostra que mais de um milhão de estabelecimentos do varejo, quase a metade do setor, têm até metade das vendas faturadas por essa modalidade. Para outros 29,3%, as vendas no parcelado sem juros representam de 50% a 80% do faturamento. Há os 13% em que a modalidade responde por mais de 80% do total.

e adaptabilidade. Para Joana, a economia está melhorando, o que pode impulsionar as vendas.

“Tivemos altos e baixos, principalmente com a pandemia no meio do caminho, mas mesmo nesses momentos não deixamos de vender. Faça chuva ou faça sol, as pessoas nunca deixam de comemorar e celebrar momentos especiais, mesmo que celebrações menores e mais íntimas, então o mercado de doces está sempre aquecido”, disse.

Por outro lado, o comerciante Severino Vieira, 48, observou uma competição crescente nos últimos anos, afetando o desempenho do seu comércio. Durante a pandemia, começou a enfrentar dificuldades, mas ficou

esperanoso após o retorno das atividades. Ele espera uma melhora nas vendas este ano, embora acredite que o período de pós-eleições influencie negativamente. “Há 10 anos, tinha menos concorrência, por isso o comércio ficou mais fraco. Estou torcendo para que este ano seja melhor que o ano passado. Em 2023 foi muito ruim, acho que pela troca de governo. No ano de pós-eleições o comércio fica fraco”, lamentou.

Os anos seguintes à pandemia, no entanto, impulsionam o varejo on-line. Nos últimos cinco anos, o setor de vendas pela internet acumula crescimento de mais de 150%, de acordo com dados da Receita Federal. Nessa onda, o empresário Rubens Inácio, fundador da TXC, loja online de vestuário voltado para a moda adulta, conta que, em 2023, a empresa elevou as vendas em 35%.

Diante disso, a expectativa do empresário é de que, neste ano, a loja continue crescendo no mesmo patamar. “Hoje a gente tem mais oferta do que demanda. Isso veio desde antes da pandemia. Então eu acho que, para a gente superar a crise, a nossa palavra é ‘impacto’. Eu acho que isso está presente, também, no DNA do empreendedor brasileiro”, sustenta Inácio.

Política econômica

A recuperação do comércio varejista depende muito da melhora dos indicadores econômicos. A Selic, por exemplo, mesmo que esteja em queda, ainda é considerada elevada.

O presidente da CNC, José Roberto Tadros, reforça a importância de se pensar em políticas econômicas eficazes para estimular o crescimento sustentável do setor. “A redução gradual da taxa básica de juros ao longo do ano, aliada à melhora das condições de consumo, pode impulsionar o setor, mas ainda enfrentamos obstáculos significativos, como o elevado endividamento das famílias”, avalia.

O comerciante Manoel Santana, 49, enfrentou dificuldades financeiras durante a pandemia, com queda na procura e aumento do endividamento de seus clientes. Contudo, ele tem esperança na economia e nas medidas do governo para impulsionar o consumo. “Está sendo muito difícil manter o comércio de portas abertas. Temos que ficar empurrando com a barriga. Mas tenho esperança na economia e em como o governo está se esforçando para resolver os problemas”, completou.

*Estagiários sob a supervisão de Edla Lula

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Poupança é incentivo para continuar na escola

» FERNANDA STRICKLAND

O incentivo financeiro previsto pelo programa Pé de Meia, lançado pelo governo federal no mês passado, é um fator crítico para evitar a evasão escolar e melhorar a formação do estudante brasileiro. Esse é o entendimento da deputada federal Tabata Amaral (PSB-SP) e pré-candidata à prefeitura de São Paulo. A parlamentar foi a entrevistada do programa *Café com Chalim*, apresentado pelo empresário Chaim Zaher, que atua há mais de 50 anos no ramo da educação.

Co-autora do projeto de lei que originou o Pé-de-Meia, sancionado pelo presidente Lula no último dia 16, Tabata Amaral comentou que a iniciativa ajuda o jovem a evitar o dilema de abandonar os estudos para ingressar no mercado de trabalho.

“Sabemos que, infelizmente, muitos jovens no Brasil chegam ao ensino médio, ou até um pouco antes, em uma situação de ter

que escolher entre trabalhar e levar um prato de comida para casa ou poder continuar seus estudos, apostar numa faculdade, continuar sonhando. E esse abandono é maior na educação noturna”, pontuou.

Segundos as estatísticas, apenas 60,3% dos jovens completam o ciclo escolar. Entre os mais pobres, o índice não ultrapassa 46% — ou seja, menos da metade conclui o ensino médio. Na faixa dos mais ricos, esse percentual sobe para 94%. Dados oficiais indicam que um em cada quatro brasileiros abandona a escola entre 15 e 17 anos.

O projeto Pé-de-Meia é destinado aos estudantes de escolas públicas inscritos no Cadastro Único para programas sociais. Ainda à espera de regulamentação, a iniciativa conta com um orçamento inicial de R\$ 20 bilhões. O programa tem duas frentes de dinheiro. A primeira é R\$ 200 mensais, para o aluno conseguir fazer um lanche e pegar suas

necessidades principais de estudo. Já a segunda é um depósito que será feito a cada fim de ano que o aluno completar. Segundo Tabata Amaral, o aluno terá o incentivo de investir esse dinheiro no Tesouro Direto, para quando terminar o ensino médio, entrar na faculdade e conseguir se sustentar nos primeiros meses.

Chaim Zaher ressaltou que a dificuldade do estudante de se manter em uma faculdade é um problema central. “Uma vez, eu recebi uma carta perguntando se eu podia mandar material didático para uma menina”, disse. Segundo o apresentador, ela contou a história dela dizendo que criou sonhos para ajudar pessoas. “Ela explicou que queria o material para poder estudar sozinha. E eu disse ‘filha você não vai conseguir entrar em medicina estudando só’. Então ela me mandou o lugar que morava, paguei o curso do vestibular, ela entrou numa faculdade privada. Ela conseguiu ver o ProUni. Com isso, ela é

reprodução/youtube



Tabata Amaral e Chaim Zaher: governo destinou R\$ 20 bilhões ao Pé de Meia, contra a evasão escolar

uma médica fantástica”, afirmou.

Segundo a deputada, hoje há cerca de 40 milhões de alunos na rede pública. Ela afirma que esse projeto vai mudar o futuro do Brasil. “Porque são histórias como essa que você contou sendo multiplicadas aos milhões. Isso muda o país, lógico”, frisou.

Cinco fatores

A deputada listou cinco fatores que, para ela, podem melhorar a educação pública. “O primeiro é que temos que investir na primeira infância. Isso já foi dito tantas vezes que virou

clichê, mas na prática, ainda não fazemos isso bem. É colocar todo mundo na escola e garantir que a educação seja de qualidade, porque é na primeira infância que a gente tem sinapse formando o cérebro da criança”, disse.

A segunda, de acordo com Amaral, é a alfabetização. “Não adianta de nada você só querer atuar lá na frente se não alfabetizou direito”, pontuou.

O terceiro ponto é a formação e valorização de professor. “O professor é o fator mais importante de uma escola. Se a gente não rever a formação inicial e a continuada, não apoiar

os professores, a educação também não melhora”, comentou.

“O quarto ponto é a escola em tempo integral, que inclusive vai ser mais possível com a poupança. O ensino médio deve ter pelo menos sete horas de aula, uma formação com esporte, cultura, tecnologia e formar esse jovem para a vida. E com esse recurso, ele tem mais condições de se dedicar aos estudos.”

O quinto ponto, por fim, consiste no ensino técnico. “Eu aposto muito no ensino técnico como uma alavanca para o nosso Brasil. Ensino técnico e faculdade se complementam”, frisou Amaral.